

EDUARDO LEONEL CORRÊA CARDOSO

Ciclo I – Quarta-feira às 18hs

MOVIMENTOS PULSIONAIS:

Adoecimento Psíquico e Existência

O Saber Psicanalítico: das pulsões aos sentidos para a existência

O adoecimento psíquico é a condição para a (des)subjetivação e consequente fluxo das indeterminações do sujeito, e novas subjetivações – ensejo para reflexão sobre sua posição no mundo. O princípio sugerido é o de que o adoecimento não é apenas o represamento das pulsões; é também o fluxo, posto que a pulsão também é de morte – e mesmo com a de vida, equalizá-la para satisfazê-la pressupõe desgaste, esforço do sujeito. E mais: do fato de haver fluxo não se segue que não há obstáculos, como a fronteira entre o Inconsciente e o Consciente – o Pré-consciente e todos e seus aparatos repressivos, como a censura. Fato é que, tanto na satisfação como na repressão o sofrimento está à espreita, e com ele o adoecimento, mas também a possibilidade de projeção para a existência. Outro problema que se põe é o das representações que se fixam às pulsões, isto é, toda pulsão requer uma representação (ideia) para que ela se faça notar, tanto no Inconsciente como no Consciente. O fluxo das pulsões não é apenas aquele que se desloca do Inconsciente para o Consciente; é também o vínculo das pulsões às ideias. Nesse sentido o problema está na ausência de tal ideia – quando não há o objeto pulsional, por ter sido ele perdido, ou por não haver energia/força suficiente para que qualquer pulsão se fixe a ele. Além disso, há o problema na ideia que se estabelece – que pode encontrar dificuldade em se fixar e se satisfazer, em qualquer sistema do aparelho psíquico.

A Pulsão é tão intangível quanto o Inconsciente. À Psicanálise cabe a investigação, a busca dos e nos rastros deixados pelos movimentos das pulsões¹. Mesmo que o objeto por excelência da Psicanálise seja o Inconsciente, as pulsões

¹ Esses rastros são sempre traços a margear os contornos da existência do sujeito, o que faz da Psicanálise um saber marginal.

tomam lugar de destaque nas hipóteses especulativas estudadas e desenvolvidas por esse saber. A Pulsão é traço que delinea e forma o contorno das estruturas da psique, dentre os quais está o Inconsciente. As pulsões são os traços-margens das fronteiras do aparelho psíquico humano, traços mnemônicos – que são sempre intangíveis, dinâmicos e tensos; à Psicanálise, como saber-método, cabe posicionar-se nesse limiar fronteiro das estruturas psíquicas, tendo as pulsões como referência a ser seguida – ela se vale dos seus vestígios. Portanto, a Psicanálise é um *saber sem lugar*, por definição ela está às margens das convenções político-morais, metafísicas e científicas das sociedades humanas. Esses aparatos Ego-rationais, que estabelecem o Real, são funcionais; entretanto, o saber psicanalítico posiciona-se à revelia dos tais por estar no rastro dos atravessamentos pulsionais que transitam pelos mais variados *Tópos* da *Phýsis-Soma* e da *Psiqué*, viabilizando, assim, a existência humana. A Pulsão atravessa os sujeitos, tal como tudo o que é vida; ela é geradora de vida, e do que dela deriva – portanto, não está submetida às representações psíquicas, nem à consciência ou ao Ego.

Energia vital

Quais são os caminhos percorridos pelas pulsões, e quais são seus destinos? E mais: quem ou o quê as pulsões carregam consigo? Qual é o resultado, e com que frequência tal movimento ocorre? Quais são as origens, o ponto inicial de onde partem as pulsões? Quando tal movimento cessa, se de fato isso ocorre? E, talvez, a pergunta que deve ser pensada antes das anteriores: o que é Pulsão? Evidentemente muitas outras questões poderiam ser postas às que aqui se seguem

– e, de fato, outras podem surgir no decorrer das próximas linhas. Contudo, sejam quais forem as questões, elas não poderão ser respondidas conclusivamente; como uma reflexão psicanalítica que é, essas linhas não possuem a pretensão de concluir o inconclusivo, o indeterminável – o que se espera das hipóteses aqui levantadas é que, com elas, as pulsões possam alinhavar novas linhas no processo estético que é a construção desse saber. Tais questões são inevitáveis diante do intangível, àquilo que sempre nos escapa: as pulsões – ou, até mesmo, o Inconsciente, o *fora* e o *sem fundo*. A Pulsão nos escapa porque ela é movimento, energia; e, como toda Arte é saber, a Psicanálise pode se juntar à outras linguagens artísticas, uma vez que ela é mais singular do que plural, tão estética quanto ética: uma *po-ética* humana trágica. Esse é o viés reflexivo das hipóteses psicanalíticas que se seguem.

Saber o que é Pulsão se faz necessário posto que o objetivo almejado nessa reflexão diz respeito ao adoecimento psíquico necessário, o do afrontamento ao Ego e suas bordas de contenção do *fora* – àquilo que existe enquanto energia criadora: as pulsões. A inferência que se sugere à busca da *Arqué* da Pulsão se justifica na hipótese de que as pulsões sustentam a existência humana. Não é a saúde² o que se busca nas investigações psicanalíticas, se ela significa a ausência de doença. Os objetos das pulsões são variáveis, e seu fim é a satisfação. Mesmo a não satisfação das pulsões também viabiliza a sustentação da existência posto que houve o lampejo da Pulsão; ainda que ele não tenha sido satisfeito, seu fôlego foi traço de representação no Inconsciente. Tal traço é o fôlego,

² A saúde pode ser doença, na medida em que a primeira se reverte em obsessão, na moral higienista, na política segundo o modelo de conservação do *status quo*, da vida sob suspeita da guerra, do medo e do biopoder. Essa é a *doença da vida saudável*, o enrijecimento das perspectivas dos modos de viver: trata-se da insuficiência do sujeito em seguir seus caminhos pulsionais, em detrimento da imposição do Ego. A saúde converte-se em fixação egóica, logo, impossibilidade de (des)subjetivação identitária – e conseqüente errância, indeterminação e fluxo pulsional, isto é, a *doença de vida*, que é o adoecimento necessário para a realização da vida na satisfação e sublimação das pulsões. O caminho político da Psicanálise é o da errância, posto que ela não foi pensada para a conservação de um determinado modo de viver; a exemplo das pulsões, a Psicanálise é (re)criação.

o lampejo de energia que é linha, enquanto contorno delineado pela força que é o movimento do sujeito.

É interessante notar que a *Arqué* da Pulsão não é um ponto fixo localizado em algum *Tópos* do organismo humano, mesmo no aparelho psíquico. O fundamento da Psicanálise é o *sem fundo*, o Inconsciente. Talvez por isso a Pulsão também seja *sem fundo*, mesmo a vida; o fundo está por ser estabelecido, necessariamente, contudo, minimamente – já que o fundo pode ser improdutivo, letárgico, estático: ele precisa ser movediço. Se não há o fundo, não haverá o contorno representativo do Ego-Consciência-Realidade, que serve ao desamparo humano diante da *Phýsis*, que é *Kaos*. A Pulsão é herdeira da *Phýsis* e do *Kaos*; é por isso que ela tem sua origem topográfica no corpo humano, mas vai além: mesmo a psique pode produzir pulsões, tanto no Inconsciente como no Consciente. Por isso a Pulsão é sempre *Phýsis-Soma* e *Psiqué*, a correspondência entre ambas – a margem para o sentir, o intuir e a Psicanálise.

A Psicanálise contribui para essa reflexão por ela trazer à baila o sujeito cindido, adoecido. É que a vida é degeneração, adoecimento; portanto, a questão é: como fazer a vida acontecer em meio ao adoecimento? É com isso que a Psicanálise vai se ocupar. A Pulsão surge como resultado da cisão humana, que não é separação; a cisão não é total. Na fresta que se abre no rompimento do sujeito a pulsão se faz notar. Ela é uma porção de carne e percepção: instinto, *Phýsis-Soma*. E, concomitantemente, ela também é uma porção de imaginação e significação: reflexão, *Psiqué*. O extrato que resulta dessa equação é o trânsito incessante, nas duas direções, entre um e outro polo do sujeito; ainda que a Pulsão se localize na fronteira de ambos, em algum momento elas se tocam. A Pulsão é o atrito resultante do movimento *Phýsis-Soma* e *Pisqué*. Ela carrega consigo o que há

em um e no outro, é o movimento que sustenta a existência, pois é energia – é o calor produzido do atrito, da tensão que há no sujeito. Outra hipótese possível é a de que o sentir, que é mais do que sensação/percepção, e o intuir, que é mais do que especulação, derivam desse liame tênue e impreciso resultante dos limites fronteiros do que é *Phýsis-Soma* e do que é *Psiqué*. A intuição é uma face da Pulsão, um desdobramento dela, enquanto busca por sentido para a existência – é uma projeção para a vida. Sentir é traduzir o mundo em sentido e o corpo em sentimento: fazer nascer o afeto, e nutri-lo, isto é, elaborar as pulsões. Em ambos os casos a Pulsão traduz os movimentos de energia da existência em linguagem; é quando a Psicanálise, com seus instrumentos para essa tradução, ocupa seu espaço entre os saberes e, em específico, como uma linguagem/saber estético.

Lacunas e Adoecimento: a existência do sujeito cindido.

Há sempre um espaço, um vácuo na constituição do sujeito; trata-se do vazio de sentido que está em um constante significar/re-significar. É porque a existência humana é sempre inconclusa; está sempre por ser construída. A realidade é sempre o outro, que atrai o sujeito para o *fora* – de si – a fim de implicá-lo no mundo. Da atração não se segue o sentido para a existência do sujeito atraído para o mundo; ele terá que, nos seus conflitos psíquicos, estabelecer sua realidade, sua consciência de si e do mundo. É aqui que se põe o problema das lacunas na constituição do sujeito, sua cisão e conseqüente adoecimento.

A Pulsão desloca o sujeito do lugar em que ele se encontra, seja este qual for. Ela é dinâmica, mas aleatória, ausente de sentido. Talvez por isso a

ausência suscita, com frequência, a angústia no sujeito. Mas, não se trata de nomear os mal-estares da/na vida; o adoecimento humano é crônico, porque a Pulsão remete ao homem o confronto com o vazio que há nele mesmo. O vazio implica em desamparo; a angústia vem daí, mas também o movimento – que é de busca por proteção pelo outro, abrigo nele.

Um dos possíveis paradoxos psicanalíticos está na relação entre o sujeito e o outro. Este é causa de desamparo, mas também de proteção. O outro é realidade, porque desprazer – mas também abrigo, isto é, prazer. O paradoxo é compreensível, posto que ele é condição para o erigir do sujeito, que será paradoxal e contraditório. Além disso, e sobretudo por isso, o afeto é o que sintetiza e traceja o sujeito e o outro – um no outro. Prazer e desprazer são pulsões, que de forma elaborada podem ser compreendidas como afeto. Existe alguma consciência no prazer e seu contrário; já há alguma hermenêutica, simbolização na compreensão do prazer – e de qualquer afeto, que é sentimento.

Nesse movimento das pulsões já há um afastamento do homem da *Phýsis-Soma* – mas também formação de *Psiqué*. A existência humana é marcada por repulsas, distanciamentos, isolamentos e perdas. Invariavelmente existe ocupação de espaços ausentes de sentidos (presença de representantes psíquicos) na psique. Entretanto, como se trata de um movimento, nas oscilações/deslocamentos da força pulsional – pelos *Tópos* da psique – a existência do sujeito assume esse movimento. Mas ele é disforme, aleatório e incessante. Os vínculos das pulsões com as representações psíquicas ocorrem, mas com vácuos, desinvestimentos, perdas. A força da pulsão não está apenas na sua *capacidade de mobilidade* no aparelho psíquico; ela se nota também na sua *capacidade de vinculação* aos objetos que afetam o homem nas suas relações sensíveis com o

mundo, seus objetos pulsionais. Será a Pulsão a responsável pelos contornos da presença no espaço criado e ocupado pelo sujeito no mundo. Esse perímetro é o contorno referencial do sujeito no mundo; seu norte, quando o desamparo da errância necessária à criação for insuportável. Portanto, não se trata de dispensar um centro no *Kaos*. O centro adoece o sujeito. Porém, se o centro for mínimo, o adoecimento também será, as lacunas serão menores, e a cisão também. Fato é que a existência humana estará sempre marcada pelo adoecimento, que é fraqueza, mas necessária: com as referências mínimas, débeis, a possibilidade para a (res)significação será maior, e o movimento no mundo também. Na via da Pulsão, do movimento e do adoecimento, o sujeito poderá traçar seus caminhos de existência, deixar sua marca, somar-se à sustentação de uma cultura, na mesma medida em que estruturará a si mesmo. Para que haja vigor no sentido para sua existência, a posição almejável do sujeito deverá ser em algum lugar na fronteira da *Phýsis-Soma* e *Psiqué*; somente aí, junto às origens da Pulsão, haverá energia suficiente, força, para a recriação de sentidos para a existência, ou modos de viver.

BIBLIOGRAFIA

Para a realização dessa reflexão foram utilizados textos de Sigmund Freud, orientados e disponibilizados pelo Centro de Estudos Psicanalíticos – tratam-se das Obras Completas, editada em 1977, pela Editora Imago. São os seguintes livros, sobretudo:

FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos, cap. VII “A Regressão”*.

_____. *Além do Princípio de Prazer*.

_____. *A Repressão*.

_____. *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*.

_____. *O Inconsciente*.

_____. *Os Instintos e suas vicissitudes*.

Outros livros consultados foram:

BIRMAN, Joel. *Por uma Estilística da Existência*. São Paulo: Editora 34, 1996.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

HANNS, Luiz. *A Teoria Pulsional na Clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

LACAN, Jaques. *O Seminário, Livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.